



LINGUAGEM CULTA E COLOQUIAL





LINGUAGEM CULTA E COLOQUIAL

A língua portuguesa não é uma só: neste módulo vamos conhecer o significado de "Variação Linguística" e de que maneiras ela aparece no nosso dia a dia e nas provas de vestibulares.

Este módulo é composto pelas seguintes apostilas:

- 1. Linguagem Culta e Coloquial**
- 2. Marcas de Coloquialismo**
- 3. Sotaque e Dialetos**
- 4. Variação Linguística**



LINGUAGEM CULTA E COLOQUIAL

O uso da linguagem depende de muitas coisas, inclusive do contexto em que cada indivíduo está inserido. O objetivo do uso da linguagem é se comunicar, ou seja, se fazer entender por um interlocutor. Sendo assim, não há certo ou errado no uso da linguagem, apenas uso adequado e inadequado.

A variação da linguagem de acordo com o contexto é uma das variações mais fáceis de serem observadas no cotidiano. Você mesmo utiliza a linguagem de maneira diferente, por exemplo, ao redigir a resposta para uma questão de prova e ao conversar com seus amigos. Espera-se que na prova seja usada a linguagem culta e com os amigos, a coloquial.

A linguagem culta é aquela em que são observadas e obedecidas as regras gramaticais. Ela é usada em situações formais e em documentos (lembre-se de que uma prova é um documento escolar!), bem como no tratamento com autoridades e na redação de textos. Em geral, presta-se mais atenção à pronúncia das palavras e são evitadas as gírias e abreviações. A linguagem culta também é chamada de linguagem formal ou padrão. Observe um exemplo num soneto de Olavo Bilac:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"



E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

A linguagem coloquial é mais espontânea, e podem ocorrer desvios das regras gramaticais sem contudo haver prejuízo no entendimento da mensagem. As gírias podem ser utilizadas, assim como coloquialismos, palavras reduzidas e contraídas ("pra", "cê", "peraí") e expressões informais para ligar ideias ("tipo", "tipo assim", "ai", "né"). Também é muito comum o uso de "a gente" no lugar de "nós". A linguagem coloquial é utilizada em situações informais, como conversas com amigos no dia a dia, escrita de bilhetes e comentários nas redes sociais. Veja a seguir um exemplo na quarta estrofe da música de Luiz Gonzaga:

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração



Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Lembremos mais uma vez que há apenas uso adequado e inadequado da linguagem culta ou coloquial, e que uma mesma pessoa transita da linguagem culta para a coloquial várias vezes ao dia, dependendo do contexto em que se encontra.



ANOTAÇÕES
